



O skateboarding na Praça XV e a intermitência de um lugar

Adriana Sansão Fontes

PROURB – FAU / UFRJ - Programa de Pós Graduação em Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
da Universidade Federal do Rio de Janeiro
adrianasansao@gmail.com

RESUMO

A Praça XV de Novembro vem se tornando, nos últimos anos, uma referência nacional do *skateboarding*¹ de rua. Como espaço público de qualidades cívicas inserido em uma área de grande complexidade, sua apropriação temporal vem motivando reações contrárias por parte do poder público. Considerando que a feição atual da praça é de um lugar de fluxos que não convida a permanências durante o dia, e de um território que espera por apropriação à noite, interessa-me analisar o papel da configuração do espaço da praça em sua apropriação temporária, e as marcas permanentes criadas pela persistência desta prática ao longo do tempo.

Palavras chave: *Skateboarding*. Espaço público. Apropriação espontânea. Rio de Janeiro. Praça XV.

ABSTRACT

November XVth Square has become, in recent years, a national hot spot of street skateboarding. As a public space inserted in an area of great complexity, its temporary appropriation has raised public reactions against it. However, if one understands that the area is a place of flows that do not invite for permanence during the day, and a site that expects appropriation in the evening, it would be interesting to investigate what is the role of its formal configuration in this ephemeral appropriation, and what kind of permanent marks were caused by the persistence of this practice along time.

Keywords: Skateboarding. Public space. Spontaneous appropriation. Rio de Janeiro. November XVth Square.

1 INTRODUÇÃO

A tarde cai no centro do Rio de Janeiro. O fluxo de pedestres chega ao seu momento de pico, até diluir-se pelo transporte público que atende as cercanias da Praça XV. O destino da praça seria o de uma noite vazia. No entanto, esse é o momento em que a “tribo” do skate começa a entrar em ação.

Chegam pouco a pouco deslizando em seus skates, cumprimentam-se e começam a formar pequenos grupos. Aparentemente todos se conhecem, e certamente partilham da mesma paixão, o *skateboarding* de rua. Logo já somam uns 20 ou 30 praticantes, que se desprendem em todas as direções ocupando o solo e todos os elementos construídos que

encontram pelo caminho. Embora estejam sempre atentos à vigilância, sabem que a essa hora a Guarda Municipal já se recolheu do local. Têm, portanto, algumas horas para apropriação e desfrute da praça, espaço que nesse momento parece pertencer-lhes.

Esse fenômeno se repete semanalmente às quartas-feiras. Trata-se de uma situação exemplar de apropriação temporária do espaço público, que traz à tona temas como: diversidade, multiculturalismo, vitalidade, conflito, disputa, reconquista, exclusão, entre outros tantos temas presentes no espaço da metrópole contemporânea, *locus* de expressão da pluralidade, seja ela européia ou latino-americana, rica ou pobre.

Este estudo se propõe a refletir sobre a importância da configuração da Praça XV em sua apropriação temporária por essa “tribo urbana”, e, ao mesmo tempo, sobre as marcas permanentes derivadas da persistência dessa atividade ao longo do tempo.

Como forma de introduzir o caso, exponho abaixo alguns aspectos gerais da apropriação espontânea do skateboarding na Praça XV:

Frequência: Semanal [2x / semana]

Espacialização: Pontual

Suporte espacial: Praça em contexto histórico

Status jurídico: Ilegal

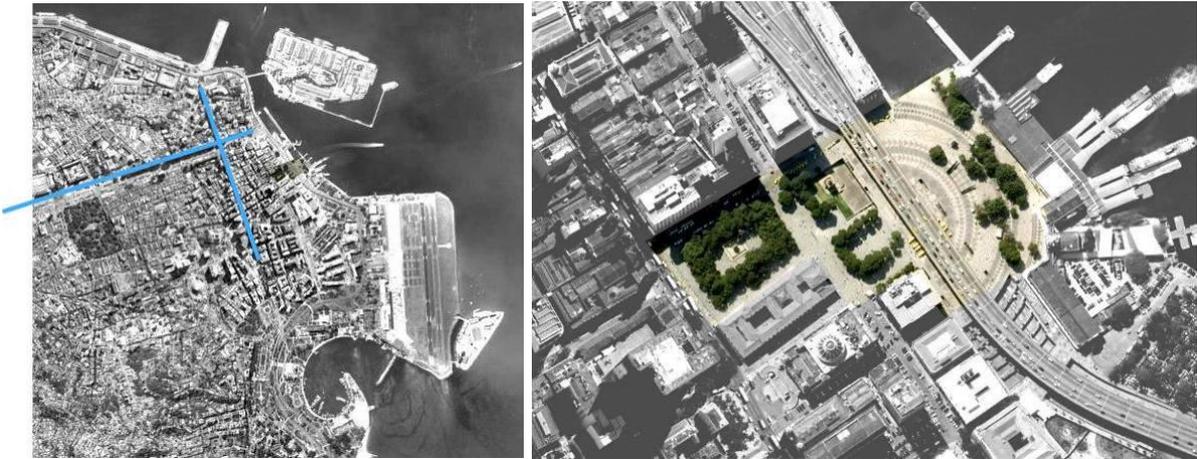
Impulso: Apropriação temporária do espaço público através da prática do *skateboarding*.

Intenção: Apropriação totalmente espontânea, cujo objetivo final é a própria expressão individual e coletiva. Experimentar a cidade e interagir com seus espaços públicos.

Agentes: Grupo de skatistas que fazem circuito pela cidade, segundo organização própria.²

Período de duração: Apropriação normalmente nos fins de semana e em período noturno [sábados e quartas-feiras], segundo a presença da guarda municipal.

2 A CONSTRUÇÃO DA PRAÇA



Figuras 1 e 2 - O centro do Rio e a Praça XV | Fonte: Google Earth

Um dos espaços públicos mais antigos do Rio de Janeiro, a Praça XV de Novembro - já denominada como Rocío do Carmo, Largo do Rocío, Largo do Paço e Largo D. Pedro II - ganhou o atual nome somente após a proclamação da República [1890]. Segundo Gerson (2000:27), este “pobre terreiro à beira mar”, presente na cidade desde a sua primeira existência, só ganharia importância quando da construção da sede do Governo e residência dos Governadores, no século XVIII, destinada a ser no século seguinte o Paço Imperial.

A área passou por sucessivos aterros³ até chegar a sua configuração atual. Nos anos 50 sofreu grande impacto com a construção do elevador da Perimetral que a cortou em duas partes, impondo uma barreira visual da cidade para a baía e vice-versa, equivalendo a um momento de grande decadência da praça. As reformas realizadas no final dos anos 80 foram tentativas de reversão desse quadro (Chivari, 1998). A primeira propôs uma escavação arqueológica para descobrir o antigo cais de pedra do século XVIII, além da retirada do mercado de peixe que funcionava no local.⁴ A segunda, de cunho mais estrutural executada em meados dos anos 90, criou uma via em túnel subterrâneo para o tráfego de veículos e parada de ônibus, denominada popularmente de “mergulhão” [e que posteriormente se transformou em um terminal de ônibus], deixando livre para pedestres toda sua extensão com novo desenho de piso, desde a Rua Primeiro de Março até a estação das barcas, limpando-a dos elementos que obstruíam a vista, como, por exemplo, uma passarela de pedestres, e na tentativa de abrir parcialmente a cidade para o mar.⁵ Posteriormente, ainda na década de 90, idealizou-se um terceiro projeto⁶ que propunha maior abertura para o mar, através da demolição do edifício da CONAB [onde funcionava o mercado de peixes] bem como da maternidade, e a construção de um aquário, mantendo o elevador da Perimetral com um tratamento especial. Este projeto só foi executado

parcialmente, fora da área da Praça XV, já que consistia em um projeto muito mais abrangente para o centro da cidade.

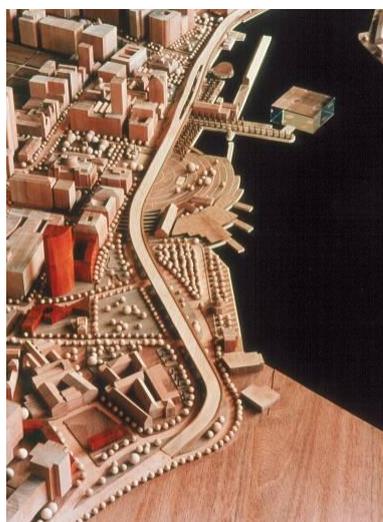


Figura 3 - Maquete do Projeto de Oriol Bohigas para o centro do Rio de Janeiro | Fonte: PCRJ

Recentemente, foram feitos mais dois projetos tendo a Praça XV como objeto. O primeiro deles, de caráter conceitual, tinha o intuito de revitalização do terminal e de maior animação urbana para a área sob o elevado, com a proposta de um museu a céu aberto.⁷ O último, realizado em 2010⁸ chamado “Mar à vista”, propõe a ligação entre a Praça XV e a Praça Mauá, motivado pelas transformações que serão realizadas na área portuária para as Olimpíadas de 2016.

O presente estudo se aterá a aspectos considerados relevantes para se entender o porquê da atração dos skatistas por esse lugar, e referem-se a categorias como **inserção na cidade, tamanho, tipologia, arquitetura e plano suporte**. Esta análise baseia-se em uma aproximação empírica, a partir da própria observação *in loco* centrada nas questões preliminares da pesquisa, e pretende dar conta das principais características do lugar.

[A] Inserção na cidade

A Praça XV localiza-se na área central do Rio de Janeiro, a área mais bem servida de transportes da cidade. Conecta-se a uma importante avenida do centro, a Rua Primeiro de Março, e acomoda a estação das barcas com destino a Ilha do Governador, Niterói e Paquetá. Desde a praça é possível alcançar em poucos minutos as avenidas Rio Branco e Presidente Vargas, o Aterro do Flamengo, o aeroporto Santos Dumont e a Av. Brasil, estando em um ponto de fácil acesso para grande parte da área metropolitana.

[B] Tamanho

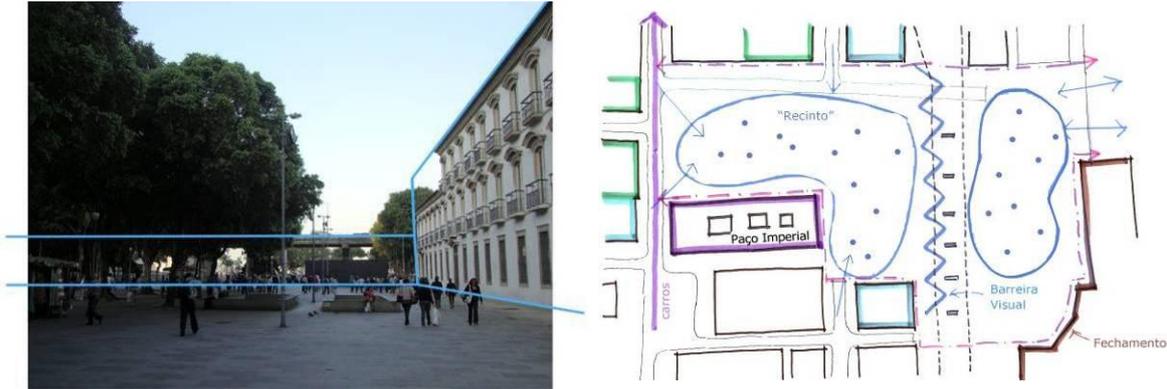
Trata-se de uma praça de grandes dimensões [aproximadamente 3 Ha], onde podemos reconhecer três subáreas principais e diferenciadas. A primeira delas está diretamente ligada à Rua Primeiro de Março, tendo como “limites” o Paço Imperial, o elevado da Perimetral e a quadra atravessada pelo Beco do Comércio, área esta de aproximadamente 70 x 170 metros. A segunda, que mede aproximadamente 50 x 70 metros, é o trecho diante do acesso original do Paço Imperial, estando circundada, além do palácio, pelo elevado e pelo edifício da Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. A terceira é a que serve à estação das barcas, estando limitada por esta e pelo elevado, cujo desenho de piso é um semicírculo de aproximadamente 80 metros de raio. Essas três áreas, apesar de manterem características sutilmente distintas, são francamente conectadas formando um todo contínuo e fluido.



Figura 4 - O tamanho da Praça XV | Fonte: PCRJ

[C] Tipologia

Apesar de ser uma praça parcialmente aberta à baía e bastante acessível por diferentes modais [barca, ônibus e metrô], configura uma espécie de “recinto”, devido ao fechamento visual causado pelo elevado e pela estação das barcas que encobre parcialmente a vista da baía. A reforma dos anos 90 eliminou as vias de veículos que a cortavam, resultando em uma área exclusiva para pedestres sem vias ao redor, uma praça de “fim de linha” limitada por elementos arquitetônicos de grande porte nos três lados.



Figuras 5 e 6 - A tipologia da Praça XV, delimitada e protegida | Fonte: Autora

[D] Arquitetura

O entorno da praça é composto por uma arquitetura heterogênea, que mescla o histórico e o recente em poucas edificações e grandes planos edificados. O Paço Imperial segue o alinhamento da Rua Primeiro de Março, na parte menor do retângulo que o caracteriza, estando separado do Palácio Tiradentes [atual sede da Assembléia Legislativa] por uma rua, com as demais faces sem qualquer edificação ao lado, o que impõe visibilidade à sua volumetria colonial no contexto da Praça. Alguns edifícios históricos proeminentes são o Convento e a Igreja de N. S. do Carmo, na Rua Primeiro de Março, e o Arco do Teles, todos compondo quadras tradicionais. Os edifícios recentes de maior impacto são a torre da Universidade Cândido Mendes e o edifício da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, mesclados ao patrimônio histórico e conferindo à área notável complexidade.

O chafariz histórico do Mestre Valentim, de 1789 e que se situava à beira do antigo cais, se mantém preservado como monumento no centro da praça. Um importante traço do lugar, que na verdade caracteriza toda a área central de negócios, é a ausência do uso residencial.⁹ Predominantes na praça e seu entorno são o uso cultural, institucional e gastronômico, este último principalmente no Beco do Comércio.



Figuras 7 e 8 - Arquitetura no entorno da praça: Ed. Cândido Mendes e Arco do Telles | Fonte: Autora

[E] Plano suporte

O plano horizontal que acomoda as atividades da praça é uma superfície lisa e contínua, com alguns desníveis e poucos elementos construídos, tais como três monumentos, escadas de acesso ao terminal de ônibus subterrâneo [“mergulhão”] e às edificações, e muitas árvores. Esse plano suporte contínuo é acentuado com a interrupção da Rua do Mercado no trecho da praça, dotando-o de uniformidade e fluidez.



Figura 9 - O plano suporte liso da Praça XV e seus elementos construídos | Fonte: Autora

3 SKATISTAS E PODER PÚBLICO: UM DESENTENDIMENTO CONSTANTE

O *skateboarding* de rua no Rio de Janeiro, como em grande parte do mundo, é uma prática bastante recente. Foi nos anos 90 que ela começou a se popularizar por aqui, tomando conta de todos os elementos construídos do espaço público e revelando uma forma original de se “usar” a cidade. Estamos diante de uma prática fundamentalmente contemporânea de expressão individual e coletiva na cidade.

No Rio, a Praça XV pode ser considerada atualmente o lugar mais atraente para os praticantes do *skateboarding*. A reforma levada a cabo pela prefeitura na década de 1990 tornou o espaço irresistível aos skatistas, fazendo com que logo se convertesse em um ponto de encontro de jovens de várias procedências da área metropolitana e mesmo do país, fama que vem crescendo e também atraindo estrangeiros de passagem pelo Rio. Embora os *skaters* da Praça XV não tenham ainda um público espectador como ocorre na Praça do MACBA, em Barcelona, a atividade vem crescendo e virando “moda” na cidade, com reflexos no uso da praça.

O fato é que há alguns anos o poder público criou um decreto que proíbe a prática do skate no local, alegando que causa danos ao patrimônio público. Respalhada pela nova lei, a guarda municipal passou a reprimir a atividade, fazendo constantemente rondas na praça.

Esse fato suscita algumas questões relativas à atração que exerce esse lugar. O que faz dele tão singular?

Existem no Rio de Janeiro diversos espaços melhor equipados, com instalações específicas para skatistas. Por que não são tão atraentes?

Por que a praça, sede do poder monárquico no passado e antigo local de atividades comerciais, tem agora esse destino?

Outras perguntas têm a ver com as relações sociais que o *skating* implica. Por que tal prática incomoda o poder público? Como reagem outros coletivos, como os turistas ou os transeuntes?

Finalmente, outras questões relacionam-se ao caráter e a vitalidade desse espaço. De que outras maneiras é utilizado? Que outros grupos de pessoas ele acolhe? Como se organizam as diversas atividades e sub-âmbitos? Que consequências tem tal atividade para o próprio espaço e para o centro da cidade? Algo mudou no espaço motivado por essa prática?

4 O SKATEBOARDING NA PRAÇA XV

Muitos poderiam estranhar que uma cidade como o Rio de Janeiro, cujo espaço público tem como um dos traços identitários as calçadas de pedras portuguesas, poderia ser referência, mesmo que nacional, no *skateboarding* de rua. De fato a cidade é um desafio para o skatista, o que faz com que os lugares adequados para a prática sejam bastante conhecidos e disputados, inclusive em âmbito nacional.

Já diria Borden (2001) que a apropriação não é a simples reutilização de um espaço, mas sim o retrabalho criativo desse espaço-tempo. A apropriação da Praça XV enquanto performance urbana implica certa desconstrução e transformação criativa desse espaço, dotando-o de nova forma. Segundo observadores experimentados, desde 1997 o espaço foi descoberto e apropriado pelos praticantes do skate. Antes da reforma para criação do “mergulhão”, o local já era usado por eles como passagem, porém após as transformações, que seguramente não tiveram como intenção preparar a praça para essa atividade, suas condições melhoraram, convertendo-se em ponto de encontro para apropriações mais continuadas por esse grupo específico nos horários pertinentes. A Praça XV hoje é frequentada por skatistas da cidade inteira, desde profissionais até amadores e aprendizes.

Após a proibição da prática, há alguns anos, os praticantes passaram a usar a área em horários pouco frequentados e de baixa visibilidade. Os períodos de encontro já se consolidaram de forma mais ou menos espontânea, o que eleva a prática ao status de intervenção temporária,¹⁰ que ocorre semanalmente às quartas-feiras, entre as oito e meia da noite e a meia noite, e, aos sábados, a partir das seis da tarde. Esses horários podem ser lidos também como “anti-guarda municipal”, ainda que a dinâmica da polícia às vezes surpreenda os usuários, fazendo com que se movam através das subáreas da praça, principalmente aos sábados, quando há maior repressão.

A proibição da prática culminou em uma manifestação anual, que ocorre no Dia Mundial do Skate, 21 de junho. Já foram realizadas três edições, nas quais centenas de skatistas partem em pacífica “skateata” desde o Aterro do Flamengo até a Praça XV, onde realizam um ato em prol da liberação da prática nesse espaço da coletividade, e clamam contra a discriminação que sofrem na sociedade. O que os skatistas desejam é um acordo com o poder público. Defendem que o mesmo mobiliário feito para os usuários da praça poderia ser usado para a prática do skate [na medida em que sejam pensados com essa finalidade] e dessa forma não haveria dano ao patrimônio público. Como os skatistas já utilizam o espaço em períodos em que a praça “dorme”, tampouco estariam entrando em conflito

direto com os transeuntes. Em resumo, os skatistas brigam por um lugar no espaço público, uma vez que também fazem parte da coletividade.



Figura10 - Manifestação de 2009 na praça | Fonte: Foto Skate

Mas por que esse lugar seria a Praça XV? Em uma análise superficial, poderia deduzir que o piso de granito liso, uma “figura” no espaço público dominado pela pedra portuguesa, seria o motivo de tamanha fixação. No entanto, esta característica existe em outras partes da cidade, nem por isso tão populares como a Praça XV. Quero investigar qual o conjunto de atributos que alçam a Praça XV a objeto de desejo dos praticantes do *skateboarding*, e irei centrar-me nessa capacidade de atração.

Sobre a atração do lugar

[A] Inserção na cidade

Segundo os skatistas entrevistados, estar localizada em um espaço central metropolitano é um fator importante para possibilitar a união de praticantes de procedências variadas, como zona norte, zona sul, Niterói, São Gonçalo, etc. Por outro lado, um lugar de fluxos abre a possibilidade de interação com as pessoas, vindo ao encontro da característica dos skatistas adeptos ao *street skate*,¹¹ que é a de não estar isolado da vida urbana.

Como o encontro dos praticantes se dá no fim da tarde ou à noite, muitos costumam passar antes por outros espaços “patináveis”, como o MEC, alcançando a Praça XV quando esta já está vazia. O ponto de encontro costuma ser a grade em volta do chafariz do Valentim, inclusive posta recentemente para evitar a apropriação do monumento, antes um obstáculo bastante popular entre os jovens.

[B] Tamanho

Uma característica apreciável de um espaço “skatável” é seu tamanho, pois um lugar de grandes dimensões possibilita um percurso ininterrupto. No caso da Praça XV, a continuidade do piso liso em diferentes subáreas, tendo o Paço Imperial implantado solto sobre esse plano suporte, permite que as manobras formem um circuito sem pausas, inclusive ao redor do palácio. As subáreas, ademais, permitem uma dinâmica de ocupação, porque funcionam de acordo com o posicionamento da guarda municipal: onde está a polícia não há skatistas. O tamanho também abre o espaço para manobras sem conflitos com os demais usuários, mesmo que eventuais. O porte da praça, nesse sentido, se mostra perfeito para a prática do *skateboarding*.

[C] Tipologia

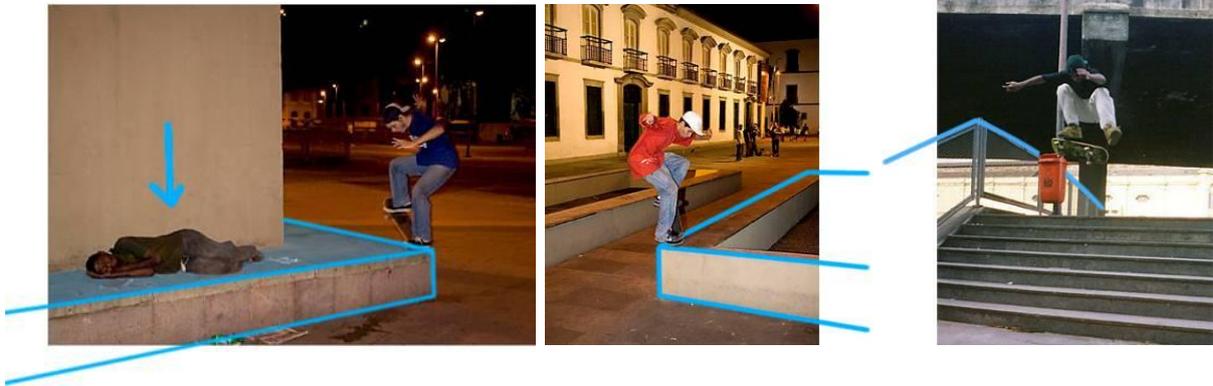
Seu caráter de “fim de linha”, ou seja, “fechada” e sem ruas de carros ao redor, porém com permeabilidade para pedestres, cria uma atmosfera mais apropriada para a prática do skate, possibilitando um sistema de espaços de pedestres por onde o skatista pode escapar com facilidade, uma vez que os fluxos estão mais canalizados.

[D] Arquitetura

Há várias questões relativas ao entorno arquitetônico que jogam a favor da praça na apropriação pelo skate. Segundo alguns skatistas, um lugar “bonito” é atraente para a apropriação. Procurando melhor qualificar este relato, interpreto que os skatistas têm uma relação inconsciente, instintiva, com a arquitetura. Quando essa arquitetura “atraente” tem uso cultural, melhor ainda, já que a prática se relaciona diretamente com a cultura e a arte de rua. Seu universo alinha-se a outras expressões culturais contemporâneas, como o vídeo [costumam filmar as manobras], a música [sempre presente nos registros], a arte [principalmente o grafite e a arte pública] e a dança [fundamentalmente o *hip hop*]. Nesse sentido, a área de museus onde está inserida a praça¹² influencia diretamente em sua apropriação, criando uma possibilidade de interface entre as atividades.

A cobertura criada pelo elevado é outra qualidade destacada do espaço “patinável” da praça. Foi mencionado pelos praticantes que o sol atrapalha a apropriação mais demorada [no caso das incursões diurnas, menos frequentes]. No entanto, esse dado é relevante na medida em que espaços sob viadutos são normalmente lugares desocupados e degradados [o que no caso da Praça XV não é diferente], fato que reforça o benefício da presença dos

skaters no local. Por fim, a não existência de área residencial, a quem normalmente o skate incomoda pelo ruído, facilita a permanência da prática no local.



Figuras 11 a 13 - Apropriação dos elementos construídos da praça | Fonte: Foto Skate

[E] Plano suporte

Finalmente, o aspecto que parece de maior relevância para a apropriação da Praça XV pelo *skateboarding* é seu plano suporte de granito liso, contínuo e neutro, que se estende desde a Rua Primeiro de Março até a estação das barcas, pontuado por alguns sedutores obstáculos. A grande reforma que criou o “mergulhão” na década de 90 gerou um extraordinário aumento do piso através do rebaixamento das pistas, que, associado às pequenas escadas construídas para vencer os novos desníveis, resultou em um espaço perfeito para o *street*. Alguns obstáculos como o respiradouro do Paço, as escadarias para o terminal subterrâneo e a base do monumento de D. João VI criam uma sequência de altos e baixos atraentes que funcionam como figuras no espaço, mais expressivas que em outros lugares. Segundo os skatistas, atributo importante para um espaço ser apropriado pelo *skateboarding* é “não ter cara de pista de skate”, mas sim ser a própria cidade e sua arquitetura. Esse fato reforça o argumento de Crawford (1999) em favor dos espaços e atividades moldados pela experiência vivida, mais do que pelo espaço construído, ideia compartilhada com Peran (2008) que acrescenta que espaços rigidamente projetados reduzem a condição do espaço vivido a espaço disciplinado.

5 AS RELAÇÕES COM OUTROS USUÁRIOS

É praticamente uma unanimidade entre os skatistas a consciência do preconceito da sociedade em relação à prática do *skateboarding*, tida como algo marginal ou mesmo infantil. Ademais, os mesmos têm consciência do ônus de sua atividade sobre a manutenção do espaço, embora defendam que a maior parte do desgaste não provenha do skate, mas que acaba a ele sendo atribuído, dado o preconceito que sofrem.

A Praça XV, em suas atividades cotidianas, é um espaço de passagem, de fluxos intensos, cuja movimentação principal se dá no eixo barcas-centro-barcas, não se tratando de uma praça arquiteturada e de atividades de permanência, como tantas outras localizadas em áreas residenciais. Embora não existam muitas atividades na praça que não sejam a passagem e a atividade dos *skaters*, poderia mencionar algumas relações entre os transeuntes e os praticantes, pontuando possíveis conflitos.

O maior fluxo do local está relacionado às barcas. Parte da estação para o centro pela manhã, e no sentido contrário no fim da tarde, canalizado em três “corredores”: a própria praça e as ruas da Assembléia e São José. Um fluxo secundário, pelos mesmos corredores, se dá em direção ao acesso ao terminal subterrâneo. Como nesses horários de pico não há skatistas, algum eventual conflito pode ocorrer em horários de pouco movimento. Segundo os praticantes, a relação não está livre de conflitos, no entanto, eles são muito pontuais. Em contrapartida, os benefícios da presença dos skatistas são mais sentidos, como no caso de um praticante que alcançou e capturou o ladrão antes da chegada da guarda municipal.

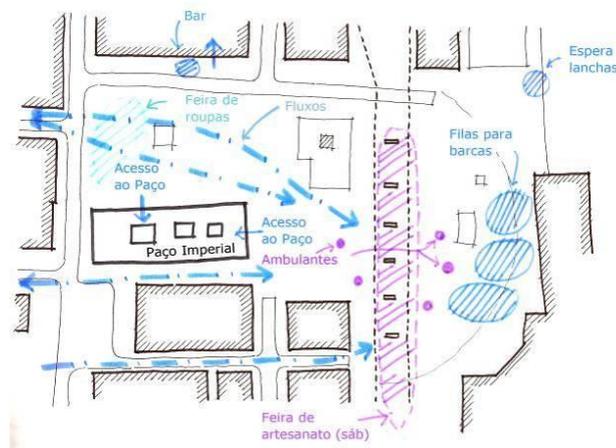


Figura 14 - Principais fluxos da praça | Fonte: Autora

A presença do Paço Imperial motiva certa movimentação turística, porém não representa para esta uma maior permanência uma vez que o museu é bastante “blindado”, voltado para dentro. O que ocorre é somente um percurso de entrada e saída e pequena parada para fotos, o que não resulta em maior aproximação ou conflito do usuário com o praticante. Tampouco a atividade comercial rarefeita existente na quadra do beco do comércio participa da vida da praça, uma vez que se está distante e separada por uma rua de estacionamento. Além do skate, há outro uso temporário na praça que se realiza aos sábados das nove da manhã ao meio da tarde, que é a feira de antiguidades sob o elevado. Em um contexto de fluxos de passagem, estas duas atividades [skate + feira] podem, curiosamente, ser

consideradas, apesar de temporárias, as mais “permanentes”. Fora estes principais, ambulantes se espalham por toda a área, principalmente diante da estação das barcas, onde aproveitam a grande concentração de pessoas que lá se forma.

Outra interessante relação se dá entre os skatistas e os moradores de rua, isto não somente na Praça XV como em todas as partes, segundo afirmam os praticantes. Como ambos buscam lugares onde não incomodem nem sejam incomodados, acabam se apropriando dos mesmos espaços. Esse fato revela, na prática, o não “pertencimento” da Praça XV a nenhum outro público específico, diferentemente do passado, o que fortalece o argumento dos skatistas em prol da sua permanência no lugar.

A proibição da prática no local põe em questão a patente resistência à negociação de uma situação de conflito, tal como muitas outras que sucedem nos espaços públicos, porém, o que Shaftoe (2008:13) argumenta é que a sociedade não encontrará a tolerância, enquanto seguir marginalizando ou excluindo grupos sociais “diferentes.” Segundo ele, a tolerância vem de contatos próximos com outros cidadãos, e os conflitos potenciais no espaço público, nesse sentido, são tidos como aspectos positivos, uma vez que oferecem oportunidades de construir um senso de solidariedade entre as pessoas.

6 SOBRE OUTROS ESPAÇOS SKATÁVEIS DO RIO DE JANEIRO

O número de pistas de skate construídas na cidade do Rio pode surpreender: ao todo são 31 pistas oficiais, espalhadas da zona oeste ao centro. Entretanto, como já pude compreender e comentar, skate em pista é diferente de skate na rua, onde o *skater* interfere e “poetiza” no espaço (Peran, 2008), em total liberdade de ação, subvertendo o uso socialmente outorgado aos elementos urbanos

Outros espaços do centro da cidade costumam também ser procurados pelos praticantes do *street*, sendo os principais o MEC,¹³ o MAM,¹⁴ a Praça do Expedicionário e alguns pequenos espaços nas calçadas, como o “buraco” e a “parede rampada”. Mas por que não tão atraentes como a Praça XV?

Utilizando os mesmos critérios de análise, verifiquei que nenhum deles conjuga, somadas, todas as características encontradas na Praça XV, como a tipologia “fechada”, o grande porte, as questões arquitetônicas [viés cultural + cobertura], e o plano suporte variado em obstáculos. A área do MEC é uma quadra circundada de ruas, de grande porte [aproximadamente 40 x 120 m livres] e coberta. Apesar de, segundo os praticantes, dispor

do melhor piso da cidade [granito em placas maiores, de 1 x 1 m], não possui tantos obstáculos, apenas uma guia de baixa altura que permite um treino mais básico. O MAM está inserido em um parque na borda da área central, sendo uma área totalmente de pedestres, grande e coberta. Talvez, porém, pela falta de obstáculos e pelo maior isolamento em relação às demais não seja um ponto muito forte do skate. A Praça do Expedicionário [conhecida no mundo do skate como “monumento”] funciona um pouco como continuidade da Praça XV. Circundada por ruas e de grande porte, encontra-se em uma área de menor interesse arquitetônico, apesar da existência do tal monumento, na verdade um obelisco com degraus, bem popular entre os usuários. Pela proximidade com a praça, acaba funcionando como peça do percurso antes de se chegar a ela. Os demais são pequenos espaços que não permitem muitas possibilidades de “uso”, como o “buraco”, que é apenas um obstáculo no piso [na vida cotidiana trata-se na verdade de uma gola sem árvore], e a “parede rampada”, apta para uma apropriação apenas parcial. Nesse sentido, poderia concluir que a Praça XV não possui somente uma “singularidade” forte, mas muito mais um conjunto de atributos atraentes, que a convertem no lugar mais emblemático da cidade para o *skateboarding*.



Figuras 15 e 16 – MEC e MAM e seus elementos de atração para o skate | Fonte: Autora

7 BALANÇO E CONCLUSÕES PARCIAIS

A prática do *skateboarding* poderia ser considerada como um dos elementos de inconstância e de expressão de vitalidade tidos por Ramoneda (2008) como resultantes da dinâmica da cidade à margem das lógicas clássicas do poder e produção. Ao mesmo tempo em que é uma expressão de novas formas de conflito e resistência, pode ser lida como um sinal indicativo de possíveis vias de inovação e mudança. O *skating*, enquanto obra criativa e ativa, atitude subversiva e totalmente espontânea no espaço urbano, revela novos “modos de usar” a cidade, diferentes das formas para as quais ela foi pensada. A leitura cotidiana dos fluxos da praça revela padrões que se repetem, e que são, porém, constantemente

rompidos pela imprevisibilidade do *skateboarding*. Assim, o território suporta e articula essa intermitência, configurando uma nova Praça XV, diferente do que foi outrora.

A análise detalhada do lugar, durante diferentes momentos do dia e em diferentes dias da semana, permite uma síntese da relação entre o *skateboarding* e o espaço urbano. Previamente havia proposto algumas questões, dentre as quais: O que faz desse espaço tão atraente e singular? Que consequências a atividade tem para o lugar? Sua presença trouxe algum legado para a praça?

Poderia concluir parcialmente afirmando que as características físicas do espaço incidem em seu destino, porém, outros fatores são fundamentais, como sua atmosfera cultural, o caráter de lugar de fluxos que não convida a permanências [de dia], e o território que espera por apropriação [à noite]. A praça, que em tempos passados sempre teve uma função urbana definida, hoje vive na intermitência entre os fluxos cotidianos e a intervenção temporária do skate.

Alguns pontos merecem ser reforçados:

1- A atmosfera da Praça XV, em sua aparente simplicidade, é composta por uma multiplicidade de atributos contrastantes. A mescla de construções antigas e contemporâneas, a envolvente espacial com fortes elementos construídos, os fluxos intermitentes, a abertura e conexão, o fechamento e proteção, a possibilidade de sol e sombra, associados ao plano suporte contínuo, liso e de poucos elementos construídos, tudo isso resulta em um espaço potencialmente atraente para a prática do *skateboarding*.

2- A falta de um usuário diretamente beneficiado, dadas as poucas atividades ligadas e abertas à praça, principalmente à noite, deixou o espaço indeterminado e afeito a novos tipos de apropriação, onde o público pode fazer uso e modificar a superfície do lugar. Isto pode ser interpretado, segundo Wall (1999: 233), no sentido da paisagem como superfície ativa, que estrutura as condições para novas relações e interações entre os elementos que ela suporta. Se, na cidade colonial ou imperial, a praça era o lugar onde o poder civil e religioso era representado, agora é o lugar do qual o público se apropria e transforma sua superfície - simples e flexível à apropriação - por diferentes intervenções. E isso não ocorre restrito ao *skateboarding*, mas também durante o Carnaval, onde blocos costumam não somente ocupar como “saturar” a praça. Por que o Carnaval pode e o *skateboarding* não?

3- A ocupação pelos skatistas traz vitalidade para a praça nos períodos em que dificilmente haveria movimento, já que reflete a própria dinâmica do centro onde não vive ninguém. O

espaço que poderia estar deserto passou a ser usado por um grupo dinâmico de cerca de trinta praticantes, cujo benefício visível é gerar segurança. Já diria Kronenberg (2008) que esse tipo de apropriação injeta vitalidade e atividade nas ruas, podendo ser encarado, inclusive, como uma peça para futuros projetos.

Convictos de que o espaço pode ser conciliável, e cientes da potência do *skateboarding* como uma idéia de projeto, os praticantes levam em curso uma proposta de adaptação da praça ao skate, que pretendem apresentar como contra-argumento ao poder público. O projeto propõe a colocação de cantoneiras niveladas com os degraus de forma a dar resistência às quinas, entre outras intervenções para “democratização” do espaço. Segundo eles, já existe engenharia para rota de skate, pensada para atender também a população. Essas muretas, bancos e corrimãos poderiam ser utilizados por skatistas e demais usuários, uma vez que o uso do local é intermitente.¹⁵ Na prática, trata-se da idéia da flexibilidade e reversibilidade do espaço e dos elementos construídos como forma de adaptarem-se a solicitações diversas. Outra proposta do grupo é a de adoção da praça por empresas interessadas em promover melhorias, o que possibilitaria a conciliação pelo uso do espaço, tudo em prol de sua vitalidade e polivalência. Algumas praças na cidade já são adotadas pela iniciativa privada,¹⁶ bastaria incorporar a Praça XV a esse sistema de gestão.

As manifestações anuais do Dia Mundial do Skate visam, além de defender sua prática no local, chamar atenção da mídia para o projeto.¹⁷ Estas por si só já são intervenções temporárias e revelam outra potencialidade do lugar, que é o de suporte para performances artísticas. Entre os eventos performáticos, em 2009 os skatistas usaram as pranchas para formar um coração com o número XV no piso. Em 2010 realizaram uma intervenção de giz, com desenhos dos próprios skatistas deitados, tomando o piso da praça. Esse ato pode ser considerado algo globalizado, já que o skate é reprimido em outras cidades mundiais. Curiosamente, a própria repressão acabou por possibilitar outras visões sobre o lugar.

O *skateboarding* de rua traz à tona a dimensão subversiva da apropriação, firmando-se como forma de resistência à normatização dos padrões de comportamento vigentes em nossas cidades. Chamo subversiva na medida em que desafia as regras, fazendo com que questionemos aonde estas nos pretendem conduzir. Além da subversão, enquanto tática de conquista do espaço, o *skateboarding* revela a dimensão ativa, a capacidade de descobrir potencialidades, de recuperar lugares ou mesmo de “poetizar” no espaço urbano, colocando-o “em ação”. Já diria Cirugeda (2003)¹⁸ que essas ações propõem transformações nas estruturas homologatórias e controladoras: “o simples fato de levar adiante essas propostas evidencia que o desenvolvimento dessas atividades descreve

impulsos libertadores que produzem uma emancipação temporal das estruturas ordenadoras e limitadoras da vida urbana”.

Por todo o dito, poderia considerar como legado da apropriação subversiva da praça as novas possibilidades que se abrem para o **projeto do espaço público como o próprio território experimentado**. Um dos fatos envolvidos na recuperação da paisagem é seu entendimento como um campo de processos engajados, através do movimento e do tempo, mais do que como mera cena para contemplação (Corner:1999:15).

Paisagem mobiliza tanto matéria quanto mente, tanto natureza quanto imaginação, tanto espaço quanto técnica, em novas e imaginativas formas. (Cosgrove, 1999:221)

A paisagem vista como agente de produção e enriquecimento da cultura já é compartilhada por muitos jovens arquitetos contemporâneos, como Adrian Geuze [West 8], Bjarke Ingels [BIG], Julien de Smedt [JDS], Alejandro Zaera Polo [FOA], entre outros. São profissionais que operam com espaço urbano e arquitetura [forma e materialidade] de forma aberta a diferentes apropriações. O destino da praça poderia auxiliar a refletir dentro dessa temática.



Figura 17 - Parque dos Auditórios, de FOA, em Barcelona | Fonte: Autora

Poderia concluir que a intervenção do *skateboarding* sobre o espaço potencialmente atraente da Praça XV faz com que alguns atributos físicos do lugar ganhem relevo: os pequenos desníveis que unem os setores da praça; os poucos elementos construídos que pontuam o extenso plano suporte; as escadas e rampas que a conectam com o “mergulhão”; todos esses elementos, que na cidade cotidiana fazem parte do fluxo descompromissado dos transeuntes, **aparecem** durante a intervenção em uma nova relação com o usuário, tanto o que o “descobre” quanto o que observa a descoberta, assinalando um novo tipo de conexão possível entre a pessoa e o espaço, uma corporeidade.

Concluo, ademais, que a apropriação permite que se desenvolva a coexistência entre diferentes grupos, geralmente nos fins de semana. Destacaria, dentro desse particular, as manifestações em prol da continuidade da prática no local, que funcionam como “intervenção dentro da intervenção”, e, provavelmente, são as dotadas de maior potencial para promover as transformações físicas de fato.



Figuras 18 e 19 - A Praça XV no cotidiano e mediante a intervenção, que rompe o uso canalizado do lugar | Fonte: Google Earth

REFERÊNCIAS

BARREIROS, Eduardo Canabrava. **Atlas da evolução urbana da cidade do Rio de Janeiro. Ensaio: 1565-1965**. Rio de Janeiro: Instituto Histórico Brasileiro, 1965.

BORDEN, Iain. **Skateboarding, space and the city**. Architecture and the body. Reino Unido: Berg, 2001.

CHASE, John; CRAWFORD, Margaret; KALISKI, John. **Everyday Urbanism**. New York: The Monacelli Press, 1999.

CHIAVARI, Maria Pace. Rio de Janeiro. **Preservação e Modernidade**. Rio de Janeiro: Sextante, 1998.

CIRUGEDA, Santiago. **Recetas Urbanas**. Disponível em <http://www.recetasurbanas.net/>

CORNER, James (ed.). **Recovering Landscape. Essays in Contemporary Landscape Architecture**. New York: Princeton Architectural Press, 1999.

COSGROVE, Denis. “Airport / Landscape” (ensaio). In: CORNER, James (ed.). **Recovering Landscape. Essays in Contemporary Landscape Architecture**. New York: Princeton Architectural Press, 1999.

GERSON, Brasil. **História das ruas do Rio**. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 2000. (Orig. 1963)

KRONENBURG, Robert. "Arquitectura subversiva". In: **Post-it City**. Ciudades Ocasionales. Barcelona: CCCB, 2008, p. 181-183.

PERAN, Martí. "Post It City. Ciudades Ocasionales". In: **Post-it City**. Ciudades Ocasionales. Barcelona: CCCB, 2008, p. 177-179. SHAFTOE

RAMONEDA, Josep. "La ciudad del presente continuo". In: **Post-it City**. Ciudades Ocasionales. Barcelona: CCCB, 2008, p. 176.

WALL, Alex. "Programming the Urban Surface". In: CORNER, James (ed.). **Recovering Landscape. Essays in Contemporary Landscape Architecture**. New York: Princeton

¹ Utilizo as denominações inglesas de skate, skating ou skateboarding, no lugar de sua tradução literal, por estarem amplamente difundidas e serem de uso comum.

² Em 2001 foi criada a FAESERJ [Federação de *Skateboard* do estado do Rio de Janeiro], que atua como oficializadora de eventos e fornecedora de assessoria esportiva para os skatistas. Segundo os praticantes, existe o desejo futuro de se montar uma associação.

³ Originalmente não passava de 165 m de comprimento.

⁴ Obra realizada pelo Departamento de Parques e Jardins nos anos 1990-92 por recomendação do arquiteto Pedro Alcântara, do IPHAN.

⁵ Autora arquiteta Silvia Pozzana, do Instituto Pereira Passos. Para mais detalhes sobre especificidades do projeto, consultar Rio de Janeiro: Preservação e Modernidade, da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro

⁶ Autor arquiteto espanhol Oriol Bohigas, contratado pela prefeitura para desenvolver este projeto.

⁷ Proposta realizada pela Rio Urbe, empresa da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

⁸ Autora arquiteta Martha Allemand.

⁹ Vale ressaltar que o uso residencial é extremamente limitado no Centro de Negócios devido à legislação que o proíbe, só tendo sido modificada na década de 90.

¹⁰ Segundo os entrevistados, um grupo menor começou a usar e a divulgar o horário na internet, o que foi levando à marcação semanal até virar um horário "oficial" entre os praticantes. Ou seja, a apropriação vai além de um uso cotidiano e passivo do espaço, convertendo-se em uma atitude transformadora perante o lugar. Por isso afirmo que ganha o status de intervenção temporária.

¹¹ *Street skate* é o nome original do *skateboarding* de rua.

¹² Além do Paço Imperial, outros espaços de cultura localizam-se nas imediações da praça, como o CCBB, a Casa França Brasil e o Espaço Cultural dos Correios.

¹³ Edifício do Ministério da Educação e Cultura, de Lúcio Costa e equipe.

¹⁴ Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, de Affonso Eduardo Reidy.

¹⁵ Baseado no depoimento do *skater* Raphael Pharrá em entrevista retirada de <http://noticias.terra.com.br/brasil/interna/0,,OI3837247-EI8139,00-Skatistas+fazem+manifestacao+por+Praca+no+Rio.html>.

¹⁶ Ver no Portal da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, disponível em <http://www.rio.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?article-id=1227665>.

¹⁷ O que os praticantes querem entregar em 2011 para o poder público é um conjunto de documentos constando de: manifesto, proposta urbana e arquitetônica para adequação da praça, orçamento e vídeo da história do skate culminando na manifestação.

¹⁸ A respeito das "estratégias subversivas de ocupação urbana".